

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Livro



Copyright © 2010 by Quetzal Editores e José Luís Peixoto
Proibida a venda em Portugal

A editora manteve a grafia vigente em Portugal, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Capa

Flávia Castanheira

Imagen da quarta capa

yaskii/ Shutterstock.com

Revisão

Carmen T. S. Costa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Peixoto, José Luís.

Livro / José Luís Peixoto. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2019-2

1. Ficção portuguesa I. Título.

11-13741

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura portuguesa 869.3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1

(1948)

A mãe pousou o livro nas mãos do filho.

Que mistério. O rapaz não conseguia imaginar um propósito para o objeto que suportava. Pensou em cheirá-lo, mas a porta do quintal estava aberta, entrava luz, havia muita vida lá fora. O rapaz tinha seis anos, fugiu-lhe a atenção, distraiu-se, mas não se desinteressou pelo livro, apenas deixou de o interrogar enquanto objeto em si, começou a questioná-lo de maneira muito mais abstrata, enquanto intenção, enquanto sombra de um ato. A mãe disse o nome do filho:

Ilídio.

O rapaz, Ilídio, estava nesse momento a tentar imaginar a vontade da mãe, o que pretendia ao entregar-lhe aquele livro, que era grande de mais para as suas mãos, mas que não era demaisado pesado. A mãe voltou a dizer o nome do filho, Ilídio. E as cores da mãe voltaram a definir-se diante dele.

Escuta.

Esta palavra simples, de sílabas simples, foi entendida pelo Ilídio de modo completo, estava a ouvi-la antes de ser dita e continuou a ouvi-la no silêncio que se lhe seguiu. Aquela voz a dizer aquela palavra fazia parte do Ilídio. Podia ouvi-la na cabeça sempre que quisesse. Em certas noites, quando se agarrava à mãe, ao quente, sem ser capaz de dormir, ouvia pedaços da voz da mãe, rasgados, a passarem-lhe pela cabeça como serpentinas. Numa dessas noites, ou em várias, é bem possível que tenha distinguido essa maneira de paz com que a mãe sempre lhe dizia: escuta. Havia tons de voz que a mãe só utilizava para certas palavras ou expressões, como quando se saturava e dizia: por favor, a esculpir cada consoante, com um grande silêncio entre por e favor, a soprar no fim; ou como quando dizia: ora, é só lérias e mais lérias e dava uma gargalhada; ou como quando dizia: tu queres é remolgaria e parodim, e parecia que estava a cantar. Não faltariam exemplos de palavras que conseguia lembrar na voz da mãe.

O Ilídio tinha fome. Chegava de longe o cacarejar de uma galinha, chegava do quintal do vizinho, do outro lado do muro. Era um cacarejar permanente, quase a adormecer, quase a arrastar-se, mas a continuar sempre. Era um cacarejar que, assente sobre aquela hora da tarde, parecia distribuir uma misteriosa harmonia, como o milho moído que, muito às vezes, o vizinho lançava sobre a terra do quintal. O Ilídio sabia que, normalmente, a galinha comia pedras e, em momentos assinalados, lutava com minhocas, que vencia num duelo desigual. Do cimo da pilha de lenha, já a tinha visto. Em ocasiões, colocou a possibilidade de provar minhoca. Quando a

galinha as esticava com o bico, as rebentava e exibia o seu interior, pareciam-lhe deliciosas.

A mãe ia dizer alguma coisa importante. A mãe era uma mulher que falava muito e ria muito. O Ilídio chamava-a quando queria que ela visse alguma coisa, ela olhava, mas não parava de rir ou de falar. Ali, naque-la hora, a mãe dizia as palavras uma a uma, como se só pudesse usar poucas e tivesse de escolhê-las muito bem. Havia demasiado silêncio. O Ilídio sentia isto, mas não era capaz de saber as palavras para dizê-lo a si próprio. Isto era qualquer coisa que sentia como a mudança da hora no verão, no inverno, como os dias de semana, o sábado, a quarta-feira e muitas outras coisas que sentia sem conhecer. O Ilídio esperava, tinha seis anos, estava tranquilo. A mãe disse:

Nunca esqueças.

O Ilídio pensou nos comboios. O motivo para estar a pensar nos comboios não era evidente. Na verdade, era uma incógnita completa. Pensou nos comboios, no brilho dos comboios, mas aquilo que realmente sentiu foi falta de compreensão. Tinha a forma de neblina, era falta de compreensão fresca, como pontos de água a dissolverem-se na pele do rosto.

Pela primeira vez na vida teve pena de haver tantos assuntos no mundo que não compreendia e esmoreceu. Mas uma mosca fez um ângulo reto no ar, depois outro, além disso, os seis anos são uma idade de muitas coisas pela primeira vez, mais do que uma por dia e, por isso, logo depois, arribou. Os assuntos que não compreendia eram uma espécie de tontura, mas o Ilídio era forte.

Se calhar estava a falar de tratar da cabra: nunca esqueças de tratar da cabra. O Ilídio não gostava que a

mãe o mandasse tratar da cabra. Se estava ocupado a contar uma história a um guarda-chuva, não queria ser interrompido. Às vezes, a mãe escolhia os piores momentos para chamá-lo, ele podia estar a contemplar um segredo, por isso, assustava-se e, depois, irritava-se. Às vezes, fazia birras no meio da rua. A mãe envergonhava-se e, mais tarde, em casa, dizia que as pessoas da vila nunca tinham visto um menino tão velhaco. O Ilídio ficava enxofrado, mas lembrava-se dos homens que lhe chamavam reguila, diziam ah, reguila de má raça. Com essa memória, recuperava o orgulho. Era reguila, não era velhaco. Essa certeza dava-lhe forças para protestar mais, para gritar até, se lhe apetecesse.

Se calhar estava a falar dos deveres de casa: nunca esqueças os deveres de casa. O Ilídio não gostava de fazê-los e não gostava que a mãe lhe falasse disso assim que chegava da escola, irritava-se. A primeira classe era cheia de obrigações. Queria comer, queria brincar, contraía a cara. A mãe explicava-lhe que se fizesse logo os deveres, ficava com o resto do tempo livre. Nesse momento, o Ilídio arreliava-se. Então, a mãe podia levantar a voz para falar-lhe dos outros meninos que tinham de trabalhar, de ajudar no campo. O Ilídio conhecia esses meninos, mas não queria ouvir falar neles, e ficava ofendido. Então, a mãe podia continuar essa conversa, sem resultados, ou podia deixá-lo ir. Nesse caso, as tardes passavam lentamente, eram enormes, ou passavam depressa, ainda mal tinham começado e já estavam a acabar, já tinham acabado. Nas manhãs seguintes, o Ilídio chegava à escola sem os deveres feitos. A freira podia apanhá-lo ou não. Se o apanhasse, podia castigá-lo ou não. Enquanto levava reguadas, não chorava. Era co-

nhecido por isso. Estendia a mão direita e aguardava. Enquanto lhe dava reguadas, a freira ameaçava-o, insultava-o, alterava a contagem quando lhe apetecia, a régua cortava o ar, fazia um som limpo e seco, acertava-lhe nos ossos da mão com toda a força, mas não chorava. Ficava todo vermelho, abria muito as narinas para respirar, mas mordia os lábios e não chorava.

Não, não havia razão para a mãe estar a falar nos deveres de casa. Se calhar estava a falar de lavar as mãos: nunca esqueças de lavar as mãos. Ou se calhar estava a falar do sal: nunca esqueças o sal. Mas não havia razão para a mãe estar a falar no sal. O Ilídio sabia que a mãe podia estar a falar de tudo: nunca esqueças tudo. Mas o Ilídio tinha seis anos e não queria considerar essa possibilidade porque tudo era tanta coisa.

Maio. Afinal, era maio. O tempo distendia-se por fim. Uma breve teoria: há certos movimentos que apenas são possíveis depois do início da primavera. Durante a invernia, o corpo esquece-os, mingua, endurece como as árvores. Em maio, o corpo recorda esses movimentos, julga reaprendê-los e, ao fazê-lo, redescobre a sua verdadeira natureza. É por isso que se fala de renascer na primavera, é por isso que as pessoas se apaixonam e é por isso que crescem as plantas. Esses movimentos são simples, todas as pessoas os sabem fazer. Ao serem empreendidos, dão lugar a multidões desgovernadas de sequências que, no fim da sua ação, acendem o sol.

A mãe sabia o que havia a fazer. Tinha sido convencida pela voz com que conversava quando estava sozinha. E pela vida, claro. A mãe também conversava com a vida. Fechou a porta do quintal, pousou a chave sobre a mesa vazia, entrou no quarto, o som de abrir e fechar

a gaveta vazia da banquinha, saiu do quarto, segurou na mala, deu três passos, toc, toc, toc, e abriu a porta.

Vamos.

Ilídio levantou-se do banco, arrumou-o ao lume apagado, enfiou o livro debaixo do braço, segurou na mala e foram.

Desciam devagar, a firmar cada pé nas pedras da ladeira. A mãe e o filho, carregados de malas, vestidos com as roupas mais novas, equilibravam-se. Do cimo da ladeira, podia ver-se a distância da vila e, lá ao fundo, os campos estendidos. Talvez houvesse pássaros que, naquele mesmo lugar, apenas abriam as asas e, planície após planície, deixavam-se deslizar até ao horizonte. A mãe e o filho não podiam, estavam presos por sapatos apertados.

A vila descansava, à sombra. Faltava pouco para as pessoas chegarem do campo, as ruas seriam atravessadas por homens e mulheres com os rostos cobertos de terra. Havia horas antes e depois em que a vila estivera em movimento mas, enquanto o Ilídio e a mãe desciam a ladeira, a vila descansava e apenas se ouvia, lá ao longe, com um ritmo certo, o som do maço a bater no escopro. Ali, espetado no ar sobre a vila, esse som era triste como a morte repetida de um pardal.

O pedreiro estava na varanda da casa da d. Milú. Pelas suas contas, mais meio dia e terminava as pequenas obras para as quais tinha sido chamado e que, sozinho, lhe levaram quase duas semanas. O pedreiro abria um buraco na parede da varanda da casa da d. Milú e chamava-se Josué. Era novo, tinha trinta e oito anos. O pedreiro entalou um dedo entre o maço e o escopro, deixou cair o escopro ao lado dos pés e enrodilhou o rosto.

Soprou o dedo, pfff; depois, para esquecer, cuspiu com força. O vento parou nesse instante.

Um arco longo e demorado.

Em baixo, o cuspo estalou no centro de uma pedra do passeio. Aí ficou, a secar ou a ser esquecido. Josué entrou na casa e, por isso, após um instante, no fundo da rua, nesse mesmo passeio, não viu surgirem os vultos da mãe e do filho. Vinham carregados de malas, isso conseguia distinguir-se até à distância. Não se conseguia distinguir a cor das roupas que usavam, a saia da mãe talvez fosse cinzenta ou preta, o casaco castanho do filho podia ser de qualquer cor escura. A mãe tinha um lenço a cobrir-lhe a cabeça. Noutros dias, empurrava o cabelo com uma mão rente à testa e puxava o lenço com a outra mão. O Ilídio conhecia esse gesto.

O tempo era quase certo. Longe, no adro, os sinos iriam tocar. O tempo era limpo como a aragem que começava. A mãe e o filho não caminhavam depressa, mas aproximavam-se. Passaram à porta da casa da d. Milú, por baixo da varanda deserta. A mãe segurava duas malas que não lhe perturbavam a postura. Caminhava direita e séria. Os olhos da mãe, os olhos do filho. As imagens embaciavam-se talvez por causa do silêncio.

Chegaram ao ponto onde o muro da casa da d. Milú se arredondava numa esquina que dava para a descida da fonte, continuaram. A mãe pousou a mala e baixou-se até ficar diante do Ilídio. Era elegante o seu corpo dobrado dentro das roupas. A mãe tinha as sobrancelhas finas. Acertou o colarinho da camisa do filho. Como se as mãos fossem escovas, passou-as pelo casaco do filho, a limpá-lo de nada. Tirou-lhe a pequena mala e pousou-a num banco de pedra que existia ao lado da

fonte. Tirou-lhe o livro que trazia debaixo do braço e pousou-o sobre a mala. Segurando-lhe os ombros, mais uma vez, olhou-o em silêncio. O silêncio passou. A mãe tinha uma voz:

Fica aqui, não saias daqui.

O Ilídio era capaz de entender e obedecer às ordens simples da mãe.

Espera aqui.

Não respondeu. Queria ver o que ia acontecer. Durante a última semana, a mãe seria, sem palavras, o Ilídio não compreendia. Ao seu lado, a água da fonte.

Os olhos da mãe ficaram parados nos do filho até ao instante em que o seu corpo se virou e se afastou, regressando por onde tinha acabado de chegar. O Ilídio estava a pensar em qualquer coisa, talvez nos pássaros que vinham enfiar-se nas folhas de hera que cobriam o topo do muro da d. Milú, à sua frente, pássaros da primavera. Asas ou folhas. E não se esforçou por ouvir os passos da mãe a afastarem-se até serem apenas um resto de som. Só o instinto. Quando lhe pareceu que já tinha passado muito tempo, sem mexer os pés, com as mãos atrás das costas, inclinou o tronco para a frente para ver a mãe lá ao fundo, lá ao fundo, a afastar-se, era a sua mãe e, depois, ui, a desaparecer, a dobrar a esquina. O Ilídio voltou com o corpo à sua posição. Longe, no adro, os sinos da igreja deram as sete da tarde. Essa hora espalhou-se por toda a vila. Com seis anos, o Ilídio sabia bem que, no adro, o toque dos sinos interrompia as conversas e os pensamentos.

Uma lagartixa a subir pelo muro. À sua frente, metros, estava o muro da d. Milú, entornava um manto de hera, folhas verde-escuras, quase pretas. À sua direita

estava a fonte nova, um chafariz de três bicas a escorrerem água farta para um pequeno tanque, com um bordo de mármore, que chegava acima dos joelhos das mulheres, até à cintura do Ilídio, e que tinha marcas arredondadas diante das bicas, onde se podia ajeitar as vasilhas. Essas bicas, à sua direita, estavam espetadas num muro caiado que, do outro lado, tinha o tanque onde se podia levar as bestas a beber e, depois ainda, sob um telheiro, estavam os tanques de lavar a roupa. À sua esquerda, estava o caminho de terra que levava à rua da casa da d. Milú e a toda a vila. Atrás de si, estava um muro, pelo qual subia uma lagartixa e, por detrás desse muro, estavam as hortas. Tudo isto, água, hortas, cal, misturava-se com o fim da tarde e transformava-se numa aragem que cheirava a céu limpo. Quando inspirava, o Ilídio sentia uma espécie de felicidade. Sentia que alguma coisa ia mudar. Entretanto, ali, o canto distante das cigarras, as palmas das mãos pousadas sobre a cal ainda morna do sol da tarde, a água água água.

O Ilídio tinha fome. Passou um grupo de mulheres com cabazes de roupa suja. Olharam para ele e não disseram nada. Pouco depois, ouvia-se a água a ser atirada ao ar, o eco estridente das suas gargalhadas. Aquilo que diziam era como uivos, queixas ou súplicas e, depois, gargalhadas. Eram barulhentas. A água levava murros. Passou também um homem, trôpego, curvo, de pernas arcadas. Tinha o cabelo velho, puxava uma burra de olhos cansados. Eram dois grandes olhos castanhos. Esse cansaço continha tristeza. O cansaço do Ilídio era diferente. A tarde escurecia e, a essa velocidade, o Ilídio impacientava-se e zangava-se. O homem não se demorou. Já depois de a burra ter bebido, quando ainda esta-

vam a preparar-se para subir, depois de passar um lenço enrodilhado pela cara, perguntou:

De quem é que tu és filho?
O Ilídio disse o nome da mãe.
De quem?

Repetiu o nome da mãe. O homem ficou parado, a fazer contas de cabeça, a tentar perceber e, depois, de repente, compreendeu. Como se o Ilídio tivesse deixado de existir, subiu o caminho de terra, seguido pela burra, conformada.

No silêncio do espaço imediatamente à sua volta, o Ilídio esperava ainda. A tarde desaparecia, as formas já não tinham sombra e, aos poucos, mudavam de cor, transformavam-se elas próprias em sombra. O Ilídio tinha fome e, por isso, pensou em beber água, desconhecia a história da fonte. Mas, por um instante, acreditou que quando a mãe voltasse, havia de perceber que ele tinha saído do lugar e havia de zangar-se. Ele não a temia mas, ali, apeteceu-lhe evitar essa cena, até porque as mulheres já tinham terminado de lavar a roupa, já a tinham torcido, e subiam caladas, carregadas, o cheiro do sabão azul, as chinelas a escorregarem na terra seca.

E não era quase de noite, era mesmo de noite. Existia ainda a memória da tarde, mas já era de noite. O sino não tinha deixado de dar todas as horas. O Ilídio enrolava perguntas para dentro de si. Bebeu água. Com o pescoço espetado, sentia água a escorrer-lhe pelos lados da boca e pelo queixo. Era fresca e enchia-o. Onde estaria a sua mãe? Porque não o vinha buscar? O Ilídio irritava-se com estas perguntas. A mãe costumava ralhar-lhe por muito menos. Quando chegasse, iria castigá-la.

Havia grilos em redor da fonte. O céu de estrelas parecia um campo inteiro de tocas de grilo. O Ilídio sabia que essa era a hora entre comer e ir para a cama. Tinha fome, mas lembrava-se de estar sentado no chão, a brincar com carrinhos de linha e a ouvir a mãe contar qualquer coisa, comentá-la e rir-se. Os carrinhos de linha contornavam os ângulos gastos das pedras do chão. A mãe não parava de coser, o dedal, o brilho na ponta da agulha, a linha esticada, e podia estar o lume aceso, com uma panela de água encostada às brasas, sempre quente, a ferver. Depois desta lembrança, pensava que, se a mãe chegasse, talvez não dissesse nada. Ia só correr para ela e abraçá-la. Mas, logo depois, olhava em volta e pensava que não. Quando a mãe chegasse, tinha palavras zangadas para lhe dizer.

A partir de certa altura, começou a suster a respiração. Lançou a si próprio o desafio de suster a respiração até a mãe chegar. Teria sido um instante de grande efeito, mas não tinha fôlego suficiente. Estava cansado de olhar para onde ela poderia aparecer e ver apenas nada, nenhuma alteração, ningüém. A partir de certa altura, começou a sentir uma pontada, que se espalhou e prosseguiu. Doía. E as roupas melhores, a mala feita, o livro, as perguntas sem resposta. Pensou em voltar sozinho para casa. Talvez a mãe estivesse lá a esperá-lo, preocupada. Mas pensou também na porta fechada da casa, à noite, e foi como a imagem de um pesadelo. Fica aqui, não saias daqui, espera aqui. Ele conhecia a voz da mãe.

Enquanto estava a fazer chichi, começou a chorar. Era um menino de seis anos, à noite, numa estrada de terra, a fazer chichi e a chorar. Comoveu-se com o chichi a escorrer, sentiu falta de ouvir a mãe a perguntar-

-lhe: então, já está?, como quando estavam acabados de acordar e o acompanhava ao quintal. A cabra ficava a olhá-lo. Era nova e interessava-se por tudo, queria aprender a marrar nas coisas. Onde estava a cabra? Não a tinha visto no quintal antes de sair. Um mistério insignificante.

A vila inteira estava a dormir. Nada perturbava a noite. Pensou em chamar a mãe. A voz saiu-lhe desconsolada, infantil, e teve de chorar outra vez. Pensou em muitas coisas e, com o tempo, sentiu-se diminuir até ser menos do que uma pedra, um grão de pó. O medo gelava-lhe as orelhas, a ponta do nariz, as mãos, os joelhos e os pés. Não conseguia sair de dentro do tempo. Fechava os olhos, mas sentia um choque de medo e voltava a abri-los muito de repente.

Ainda de madrugada, quando o Josué desceu o caminho da fonte a correr, tropeçando nas botas desapertadas e espalhando pedras, o Ilídio não reagiu aovê-lo. Da mesma maneira, não reagiu às suas palavras:

Atrasei-me, desculpa. Estava descansado, a pensar que era só hoje. Estava bem descansado. Há bocado, quando percebi que tinha sido ontem, até dei um salto na cama.

Ofegante, o pedreiro segurou na mala e no livro. Foi para agarrar no braço do Ilídio, mas segurou-lhe apenas na manga e deu o primeiro passo, o segundo, o terceiro. O Ilídio acompanhou-o, teria seguido qualquer pessoa para qualquer lado. A manhã era líquida, as cores eram feitas de vapor e o Josué não se calava:

Eu sabia que era ontem, mas na quarta começou a parecer-me que ainda era terça-feira, andei todo o dia assim, fui deitar-me assim e, sem querer, atrasei um dia, andei para trás. Se tivesse passado uma sexta, eu tinha-

-me apercebido logo. Na casa da d. Milú, à sexta, fazem pato. Cheira.

O Ilídio assistia às ruas vazias. A terra ainda coberta pela cacimba, as pedras polidas. Lutava com o impulso de acreditar que estava a ser levado à mãe porque tinha passado a noite inteira a esperá-la, a imaginar a sua chegada e a decepcionar-se repetidamente. O Ilídio conhecia mal aquela ponta da vila. Chamavam-lhe o São João, tinha a rua de São João, que acabava no campo, e a Capela de São João. À porta de uma casa de paredes a escamar cal velha, o pedreiro começou a baralhar um molho de chaves. Olhou para uma, como se fosse diferente de todas as outras e, com essa, abriu a porta. O Ilídio entrou, sentiu um cheiro frio e estranho, salgado, em todos os lados, todos os cantos. À procura, olhou até para as vigas do teto, entrou no quarto maior e saiu a correr, entrou depois no quarto mais pequeno, única divisão que restava, e saiu morto. Acreditou que nunca mais voltaria a ver a mãe. Tentando animá-lo, o Josué perguntou:

Já foste ao quintal?

De novo, a esperança. O Ilídio saltou, o chão não existiu naqueles passos, atravessou a porta do quintal e, na claridade do dia, num instante, ficou parado, sem ação.

Naquele quintal desconhecido, a cabra, atada ao tronco de uma laranjeira, olhava para ele.

O Ilídio avançou devagar, mas houve algo em si que permaneceu suspenso e se afundou. Quando abraçou a cabra, sentiu conforto e mágoa ao mesmo tempo. A mãe tinha estado ali a deixá-la. A mãe tinha estado ali naquele quintal desconhecido, e também essa ideia lhe deu conforto e mágoa, sobretudo mágoa. O rapaz reguila, que

fazia birras, que levava reguadas, que se irritava, ficou ali, deitado no chão, abraçado à cabra, a chorar. Era um menino que tinha perdido a mãe. Ignorante do momento, com a língua de fora, a cabra berrava. O Josué assomou-se à porta do quintal e não soube o que fazer ou dizer. Passado um ano, haveriam de estar os dois a comer as melhores partes dessa cabra, num ensopado.